

**EXTRA-CLASSE**

# O poder na “carne” de Plínio Marcos

Fotos: RENATO SEERIG

Estará o ser humano fadado a uma eterna e desleal disputa em torno do poder e de sua capacidade de dominar e subjugar o próximo? Esse poderia ser o raciocínio que explicasse de alguma forma a representação expressada pelo jornalista e teatrólogo Plínio Marcos em uma de suas mais famosas peças, “Navalha na carne”, datada de 1967. O “teatro marginal” ganhou contornos recentes pela mão do jovem estudante de Artes Cênicas da UFSM, Dionatan Rosa, que dirige a adaptação “Na carne”, apresentada no Cultura da SEDUFSM do dia 13 de agosto, edição na qual compareceram cerca de 40 pessoas.

“Será que gente de verdade vive aporrinhando o outro?”. Essa frase emblemática é um dos trechos mais importantes dos diálogos travados pelos personagens Vado (cafetão), Neusa Sueli (prostituta) e Veludo (homossexual), durante a peça “Na carne”, embasada na obra de Plínio Marcos, consagrado como um autor do “teatro marginal” ou de “resistência”. A representação adaptada é um tanto realista e normalmente gera incômodo na platéia, destaca o próprio diretor, Dionatan Rosa. Apesar das cenas fortes, seja do trio se agredindo na disputa por um cigarro de maconha, seja nas cenas de sexo entre Vado e Neusa ou entre Veludo e Vado, elas ficam apenas na insinuação, o que ajuda o diretor a rebater o adjetivo dado a Plínio Marcos, de que este seria “pornográfico”. Os aspectos da sexualidade, na verdade são apenas pano de fundo na disputa de poder entre três indivíduos marginalizados que, mesmo vivendo situações semelhantes, em que é marcante a decadência, se enganam, se enfrentam, mas jamais se solidarizam entre si.

Ambientado nas décadas de 1960/70, o teatro “marginal” de Plínio Marcos é enquadrado entre aqueles que procuraram resistir à censura da ditadura militar, explica Diorge Konrad, professor de História da UFSM. Nos dias atuais, mesmo vivendo sem a censura estatal, as visões moralistas e preconceituosas ainda permanecem no “subterrâneo”, afirma Atilio Alencar, um dos coordenadores do projeto Macondo, de Santa Maria, que também foi comentarista da



peça de teatro.

A visão de Alencar se identifica com o próprio Dionatan Rosa, diretor da peça, que relata um caso de censura: na cidade de Rolante (RS), a encenação de “Na carne” foi proibida. Isso porque a apresentação seria no espaço da igreja da cidade e, no entanto, tudo que lá é apresentado, antes passa pelo crivo do padre da paróquia, que, claro, não se agradou com a temática.

**Neusa, Veludo e Vado:** mesmo 'marginais', a busca é de dominar um ao outro

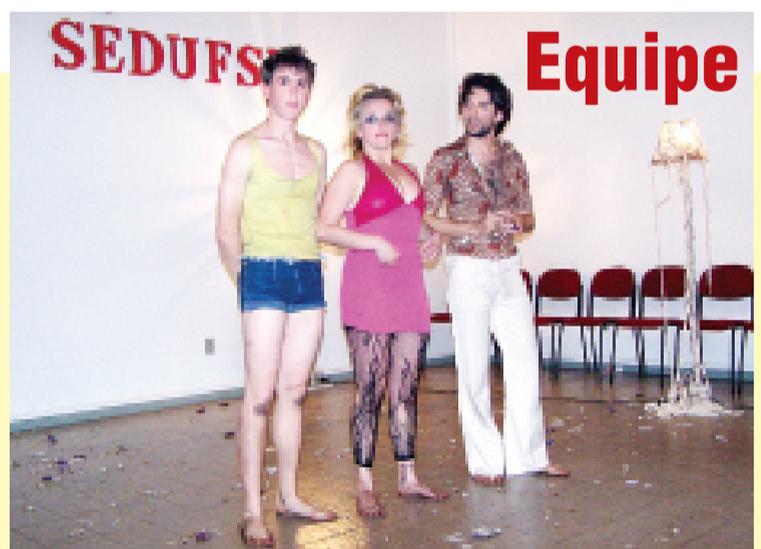
## Diferenças de linguagem



**Atilio, Dionatan, Adams e Diorge:** em discussão, a atualidade do autor

Atilio Alencar fez uma comparação entre a obra de Plínio Marcos e a do teatrólogo francês Jean Genet, pois ambos seriam autores que contavam a vida a partir da história de personagens “marginais”. Em relação a essa similaridade, o professor do curso de Artes Cênicas da UFSM, Marcelo Adams, destacou que há uma diferença marcante. Segundo ele, Marcos é “mais realista em sua linguagem, mais seco”, enquanto Genet colocava mais poesia em seus personagens.

Adams fez muitos elogios ao desempenho dos atores, porém, problematizou o fato de que, o diretor, ao adaptar da obra “Navalha na carne” suprimiu o elemento mais contundente, que no caso, seria a navalha. O professor também questionou se a expressão de Plínio Marcos na peça, que é de 1967, quando se lutava contra a ditadura, ainda tem a mesma validade nos dias de hoje. Para Tiago Teles, que interpretou o personagem Vado, a encenação da obra de Plínio Marcos causou transformações em sua vida. Para ele, a relação de poder entre os personagens podem ser transposta para a atualidade sem qualquer problema.



**Vivendo na pele:** Douglas (Veludo), Lara (Neusa Sueli) e Tiago (Vado)

Uma peça de teatro é feita por atores, mas também por toda uma equipe que, muitas vezes, com poucos recursos, usa de muita criatividade para montar um cenário. Foi o que se viu na encenação de “Na carne”. Além do diretor Dionatan Rosa, compõem a equipe Lara Bitencourt (Neusa Sueli), Douglas Winkelmann (Veludo), Tiago Teles (Vado), com o apoio de Gabriela Amado (maquiadora e assistente de direção), Eveline Pauler (cenógrafa), Fabio Purper (cenógrafo) e Fernanda Martelli (figurinista). De todos eles, são formados em Artes Cênicas o trio de atores e a figurinista.

Mesmo num palco improvisado como no auditório da SEDUFSM, o grupo que sustenta a peça trabalha duro. Basta olhar para as roupas dos personagens e, também, para o chão do quarto imaginário, com abajures a iluminar a penumbra e as bitucas de cigarro a se espalhar, para perceber o quão importante é a ambientação cênica.